

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE MEDICINA  
CURSO DE NUTRIÇÃO

RECOMENDAÇÃO DE FÓRMULAS INFANTIS NO AMBIENTE  
INTRA-HOSPITALAR PELOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Ana Paula Côrtes Damasceno

Uberlândia-MG

2019

Ana Paula Côrtes Damasceno

RECOMENDAÇÃO DE FÓRMULAS INFANTIS NO AMBIENTE  
INTRA-HOSPITALAR PELOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na  
Universidade Federal de Uberlândia, na  
Faculdade de Medicina como requisito básico  
para a conclusão do Curso de Nutrição.

Orientadora: Ana Elisa Madalena Rinaldi

Uberlândia-MG

2019

# Recomendação de fórmulas infantis no ambiente intra-hospitalar pelos profissionais da saúde

---

Ana Paula Côrtes Damasceno

Ana Elisa Madalena Rinaldi

---

## RESUMO

### OBJETIVOS

Descrever os conhecimentos e as práticas dos profissionais da saúde em relação ao aleitamento materno e à prescrição de fórmulas infantis no ambiente intra-hospitalar.

### MÉTODOS

Estudo transversal realizado com profissionais de saúde (médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, residentes e nutricionistas) em três hospitais do município de Uberlândia-MG, sendo dois públicos e um privado. Foi desenvolvido questionário com perguntas socio-demográficas e do conhecimento dos profissionais. As perguntas abordadas nos questionários foram codificadas em variáveis categóricas e descritas em frequências relativas. Todas as análises foram realizadas no software Epilnfo versão 7.

### RESULTADOS

Foram entrevistados 80 profissionais da saúde, sendo eles 26 médicos e residentes, 11 enfermeiros, 41 técnicos de enfermagem e 2 nutricionistas. 90,1% dos profissionais auxiliam as mães a amamentar, mas esse auxílio para nas orientações em 61,1% dos casos. 55,5% dos entrevistados responderam que oferecer fórmulas dentro do hospital não prejudica o aleitamento materno exclusivo fora dele. 23,6% dos profissionais recebem representantes de produtos de puericultura e 15% indicam os produtos das marcas dos representantes. Apenas 34,6% tem conhecimento sobre a lei 11.265.

### CONCLUSÃO

É necessária maior capacitação de todos os profissionais envolvidos na lactação no hospital, quanto às leis e recomendações para que as mães se sintam acolhidas e apoiadas para o sucesso do aleitamento.

## ARTIGO ORIGINAL

### INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) vêm, há muitos anos, destacando a importância de se conservar a prática de aleitamento materno como uma forma de melhorar a saúde e a nutrição dos lactentes e das crianças pequenas. Em sua recomendação mais recente (2007), a OMS recomenda que as crianças até os seis meses de idade devem receber apenas o leite materno e não consumir nenhum outro tipo de alimento. A partir dos seis meses as crianças devem receber alimentos complementares, porém, não deve deixar de consumir o leite materno, e assim deve ser feito até a criança completar dois anos de idade. <sup>1</sup>

Em 1981 foi elaborado pela OMS o Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno, que é um conjunto de recomendações para os Estados-membros da OMS, que tem como objetivo regulamentar a comercialização de substitutos do leite materno, mamadeiras e bicos.<sup>2</sup>No Brasil, o código elaborado ganhou inicialmente o nome de Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes (NBCAL) e crianças de primeira infância, bicos chupeta e mamadeiras. A NBCAL proíbe a promoção comercial de fórmulas infantis para lactentes e de seguimento; fórmulas de nutrientes apresentadas e ou indicadas para recém-nascidos de alto risco; mamadeiras; bicos; chupetas; e protetores de mamilo. <sup>3</sup> O aleitamento materno deve ser estimulado já no ambiente hospitalar, uma vez que, o contato pele a pele precoce; a permanência da criança em alojamento conjunto; a intervenção na dor mamilar durante a amamentação; a restrição do uso de suplementação para lactentes; o aleitamento materno sob livre demanda; e as intervenções educativas por meio de suporte individual e/ou em grupos durante a internação são protetores para o aleitamento materno exclusivo.<sup>4</sup> Adicionalmente, o hospital é o ambiente mais

---

<sup>1</sup>WHO (World Health Organization)/Unicef (United Nations Children's Fund). Indicators for assessing infant and young child feeding practices. Report of the joint WHO/Unicef informal interagency meeting. Washington, DC, US; 2007

<sup>2</sup>WHO (World Health Organization)/Unicef (United Nations Children's Fund). Indicators for assessing health facility practices that affect breastfeeding. Report of the joint WHO/Unicef informal interagency meeting. Geneva: WHO/ Unicef; 1992

<sup>3</sup>BRASIL. NBCAL 11 265: Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de 1ª Infância, Bicos, Chupetas e Mamadeiras. Brasil: World Health Organization, 2006.

<sup>4</sup>COCA, Kelly Pereira et al. CONJUNTO DE MEDIDAS PARA O INCENTIVO DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO INTRA-HOSPITALAR: EVIDÊNCIAS DE REVISÕES SISTEMÁTICAS. *Rev. paul. pediatr.* [online].

propício para encontrar auxílio para amamentação, principalmente pela presença dos profissionais de saúde presentes neste ambiente.<sup>5</sup>

No ano de 2006 a NBCAL foi transformada na Lei 11.265,<sup>6</sup> regulamentada pelo Decreto nº 8.552<sup>7</sup> em 2015. Uma das proibições da lei é o recebimento de brindes e amostras grátis de fórmulas pelos profissionais, e mais ainda repassar essas amostras aos seus pacientes. Sabendo das leis e recomendações, cabe aos profissionais respeitá-las e passá-las à população atendida para que sejam exercidas da melhor forma e que o aleitamento materno ocorra exclusivamente sem a interferência de fórmulas e outros.

Para que os profissionais de saúde encontrem caminhos para auxiliar as mães, foram criados dez passos para o sucesso do aleitamento materno, sendo que entre esses passos, recomenda-se que as mães comecem o aleitamento materno na primeira hora de vida do bebê. A Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) é um título conferido pelo Ministério da Saúde aos hospitais que cumprem esses dez passos. Além disso, os hospitais devem também respeitar outros critérios, como o cuidado respeitoso e humanizado à mulher durante o pré-parto, parto e o pós-parto, garantirem livre acesso à mãe e ao pai e permanência deles junto ao recém-nascido internado, durante 24 horas, e cumprir a NBCAL.<sup>8</sup>

Um estudo feito no Canadá concluiu que além de outros fatores o aleitamento da criança dentro da sala de parto é protetor para o aleitamento materno. Também concluiu que a equipe de profissionais interfere tanto na decisão de amamentar ou não antes do parto, quanto no auxílio do aleitamento no pós-parto imediato dentro do hospital. Além disso, o estudo analisou que os profissionais da área da enfermagem, que são aqueles que auxiliam diretamente no processo, quando em sobrecarga de trabalho oferecem fórmula

---

2018, vol.36, n.2 [cited 2019-12-03], pp.214-220.

<sup>5</sup> LIMA, Laís Silva; SOUZA, Sarah Nancy Deggau Hegeto. Percepção materna sobre o apoio recebido para a amamentação: o olhar na perspectiva da vulnerabilidade programática. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*. Londrina, p. 73-90. jan. 2013.

<sup>6</sup> BRASIL. Constituição (2006). Lei nº 11265, de 3 de janeiro de 2006. Regulamenta A Comercialização de Alimentos Para Lactentes e Crianças de Primeira Infância e Também A de Produtos de Puericultura Correlatos.. Casa Civil,

<sup>7</sup> BRASIL. Constituição (2015). Decreto nº 8.552, de 3 de novembro de 2015. Regulamenta A Lei N º 11.265, de 3 de Janeiro de 2006..Secretaria-Geral,

<sup>8</sup> BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Iniciativa Hospital Amigo da Criança*. Brasília: MS; 2011.

infantil com mais frequência e que as maiores razões para a suplementação no não são fisiológicas e sim percepções dos profissionais quanto à fadiga da mãe, o colostro insuficiente, o comportamento infantil, entre outros.<sup>9</sup>

Embora a maioria dos profissionais da saúde que acompanham o pré-natal aconselhe o aleitamento materno às mães que ainda não se decidiram, poucos falam sobre o assunto no primeiro trimestre e muitos recomendam a complementação com fórmulas

lácteas.<sup>10</sup> Com isso, o próprio profissional de saúde, entre eles o médico, pode contribuir com suas próprias atitudes para o desmame precoce com orientações segundo as normas e recomendações e na prática do dia a dia.

O objetivo do estudo é descrever os conhecimentos e as práticas dos profissionais da saúde em relação ao aleitamento materno e à prescrição de fórmulas infantis no ambiente intra-hospitalar.

## **METODOLOGIA**

Estudo transversal realizado com profissionais de saúde (médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, residentes e nutricionistas) em três hospitais do município de Uberlândia-MG, sendo dois públicos e um privado. Não houve cálculo amostral para seleção do número de profissionais, pois o objetivo era entrevistar todos os profissionais.

O critério de inclusão era ser médico pediatra, residente da pediatria, técnico de enfermagem que atuava na maternidade ou berçário e nutricionista. O critério de exclusão foi profissional que trabalhava no hospital com frequência inferior a uma vez na semana. Do total de profissionais elegíveis para a participação, 52,9% foram entrevistados por perdas por recusa (12,9%), indisponibilidade por parte dos profissionais (55,5%) e critérios de exclusão (31,6%).

Foi desenvolvido questionário com os dados sociodemográficos e da formação dos profissionais, como: idade, tempo de formação, local de formação, tipo de pós-graduação, cargo no hospital,

---

<sup>9</sup>Gagnon, A. J., Leduc, G., Waghorn, K., Yang, H., & Platt, R. W. (2005). In-Hospital Formula Supplementation of Healthy Breastfeeding Newborns. *Journal of Human Lactation*, 21(4), 397-405. <https://doi.org/10.1177/0890334405280835>

<sup>10</sup>FALEIROS, Francisca Teresa Veneziano; TREZZA, Ercília Maria Carone; CARANDINA, Luana. Aleitamento materno: fatores de influência na sua decisão e duração. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 5, n. 19, p.623-630, set. 2006.

quantidade de horas trabalhadas e plantões realizados. Também foram questionados conhecimentos sobre aleitamento materno, como a indicação de fórmulas, o auxílio no aleitamento. As variáveis que sobre conhecimento e opinião do tempo recomendado sobre aleitamento materno permitiam mais de uma opção de resposta. Foi perguntado sobre o conhecimento ou não da Lei da NBCAL, e algumas outras questões baseadas no documento da IBFAN.<sup>11</sup>

Foi realizado um estudo piloto com cinco profissionais com o objetivo de verificar a compreensão das questões por parte dos profissionais, o tempo de aplicação do questionário, bem como a ordem mais adequada das questões. Os questionários foram aplicados por entrevistadores treinados de forma a evitar que discussões posteriores sobre o tema interferissem nas respostas.

As perguntas abordadas nos questionários foram codificadas em variáveis categóricas e descritas em frequências relativas. Todas as análises foram realizadas no software EpiInfo versão 7.

Os profissionais entrevistados concordaram com a realização da entrevista através de termo de consentimento livre e esclarecido. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (CAAE: 98261018.4.0000.5152).

## **RESULTADOS**

Foram entrevistados 80 profissionais da saúde, sendo eles 26 médicos e residentes, 11 enfermeiros, 41 técnicos de enfermagem e 2 nutricionistas, o que representa 52,9% de todos os profissionais desses três hospitais onde foi realizada a pesquisa (Tabela 1).

No que se refere ao gênero dos profissionais, 92,5% são mulheres, destacando que os únicos profissionais homens são os médicos. Com relação à idade, 60,5% dos profissionais possuem de 20 a 40 anos de idade e 39,5% de 40 a 72, sendo que os médicos e os enfermeiros se comportam de forma inversa a essa relação de idade (Tabela 1).

A maior parte dos entrevistados tem de 6 a 15 anos de formado (41,9%) (tabela 1).

Aproximadamente 50% dos profissionais possuem pós-graduação, do tipo: especialização, residência médica e residência multiprofissional. Sendo que todos aqueles que são médicos possuem

---

<sup>11</sup> Organização Mundial da Saúde. Estratégia Global para a Alimentação de Lactentes e Crianças de Primeira Infância. Cingapura: Who Library, 2005.

(Tabela 1). Também foi perguntado quantos profissionais possuíam pós- graduação do tipo mestrado e doutorado e apenas 9,8% deles responderam que sim (resultados não apresentados em tabela).

No que se refere à carga horária, 23,4% dos profissionais fazem menos de 36 horas semanais. (tabela 1)

Tabela 1. Dados sociodemográficos e de formação de profissionais que trabalham em três hospitais em Uberlândia-MG, 2018-2019.

CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS	Média Geral (%)	Médico n=26 (%)	Enfermeiro n=11 (%)	Técnico enfermagem em n=41 (%)	Nutricionista n=2 (%)
<b>Sexo</b>					
feminino	92,5	77,7	100	100	100
masculino	7,4	22,2	0,0	0,0	0,0
<b>Idade (anos)</b>					
20-40	60,5	73,0	27,2	63,4	50,0
40-72	39,5	26,9	72,7	36,5	50,0
<b>Turno de trabalho</b>					
manhã	25,93	19,2	36,3	29,2	0,0
tarde	28,40	0,0	54,5	41,4	0,0
noite	14,81	0,0	9,1	26,8	0,0
plantão	2,47	3,8	0,0	2,4	0,0
integral	28,40	80,7	0,0	0,0	100,0
<b>Tempo de formação (anos)</b>					
<6	25,9	38,4	18,1	14,6	50
6 - 15	41,9	34,6	63,6	46,3	0,0
16-25	19,7	15,3	18,1	24,3	50
>26	12,2	15,2	0,0	17,0	0,0
<b>Pós-graduação</b>					
Sim	50,6	100	90,9	7,32	50,0
Não	49,3	0,0	9,09	92,68	50,0
<b>Carga horária (horas)</b>					
<36	23,4	37,0	45,4	51,2	50,0
≥36	76,5	62,9	54,55	48,7	50,0

Quando questionados se os profissionais auxiliam as mães internadas na amamentação, 90,1% responder auxiliar, especialmente sobre manejo, pega, orientações gerais, e informações sobre a importância de amamentar (Tabela 2).

Tabela 2. Formas de auxílio na amamentação segundo categoria profissional em três hospitais em Uberlândia-MG, 2018-2019.

AUXÍLIO NA AMAMENTAÇÃO	Média Geral (%)	Médico (%)	Enfermeiro (%)	Técnico Enfermagem (%)	Nutricionista (%)
Sim	90,1	96,3	100,0	85,3	50
Não	9,8	3,7	0,0	14,6	50
<b>FORMAS DE AUXÍLIO</b>					
Manejo	27,7	24,0	18,1	34,2	0



<b>Pega</b>	48,6	44,0	36,3	54,2	100
<b>Orientação</b>	61,1	68,0	45,4	60,0	100
<b>Importância</b>	15,2	20,0	9,0	14,2	0

Quando perguntados se dar a fórmula ainda em ambiente hospitalar pode prejudicar o aleitamento materno exclusivo fora do hospital 55,5% responderam que não (Tabela 3).

Dentre os motivos apresentados que justificavam a razão de não atrapalhar estavam: fórmula ser oferecida somente no copinho (7,4%), em casos de necessidade (como perda de peso excessiva e hipoglicemia) (34,5%), que se a mãe já não deseja amamentar não interfere (17,2%), e que é só um complemento (34,5%) (Tabela 3).

Já as razões apresentadas de que atrapalha o aleitamento materno exclusivo foram que a fórmula traz mais facilidade para a mãe e ela pode se acomodar com isso e que a saciedade do bebê pode levar à crença de que a mãe não tem leite suficiente (23,4%) (Tabela 3).

Tabela 3. Opinião dos profissionais de três hospitais quanto à recomendação de fórmulas e interrupção do aleitamento materno exclusivo em Uberlândia-MG, 2018-2019.

<b>FÓRMULA INTRA-HOSPITALAR ATRAPALHA O AME?</b>	<b>Médi a Geral (%)</b>	<b>Médi co (%)</b>	<b>Enfermeiro (%)</b>	<b>Técnico Enferma gem (%)</b>	<b>Nutricion ista (%)</b>
<b>Sim</b>	44,4	70,37	36,36	29,27	50,00
<b>Não</b>	55,5	29,63	63,64	70,73	50,00
<b>Porque?</b>					
<b>Facilidade</b>	23,4	29,63	27,27	19,51	0
<b>Dado no copinho</b>	7,4	0,0	0,0	14,63	0
<b>Desejo da mãe</b>	17,2	29,63	18,18	9,76	0
<b>Casos de necessidade</b>	34,5	22,22	36,36	43,90	0
<b>É só complement o</b>	34,5	3,70	0	12,20	50,00

Quando perguntados se recebiam representantes de fórmulas e produtos de puericultura como bicos chupetas e mamadeiras, 23,6% responderam que sim, sendo eles médicos e nutricionistas. Desses que disseram que sim, 15% disseram recomendam os produtos das marcas de que recebiam representantes (Tabela 4).

Oitenta e sete por cento dos entrevistados acham que bicos e chupetas atrapalham o aleitamento materno (Tabela 4).

Quando questionados sobre o tempo ideal para o aleitamento materno exclusivo apenas 1,8% da amostra respondeu menos que

seis meses. Já sobre o aleitamento materno com complementos 1,3% respondeu menos de 12 meses, 22,5% responderam de 12 à 23 meses, 61,3% responderam maior ou igual a 24 meses e 14,9% obtiveram respostas diferentes como: depende da escolha da mãe, até o bebê não aceitar mais, depende das condições maternas e indeterminado (Tabela 4).

Quando perguntado se os profissionais tinham conhecimento da Lei 11.265 apenas 34,6% responderam que sim (tabela 4). Dentre os que responderam que sim, 27,2% sabem sobre a regulamentação da promoção comercial e do uso apropriado dos alimentos para lactentes e crianças de primeira infância e 50% responderam que sabem, além disso, sobre a proteção e incentivo do aleitamento materno exclusivo até os seis meses e aleitamento materno até os dois anos (Dados não apresentados em tabela).

Em relação à pergunta sobre o conhecimento do banco de leite existente na cidade, 96,3% responderam que sim, porém desses 18,5% só sabiam da existência e não sabiam o trabalho que é feito lá (Dados não apresentados em tabela).

Tabela 4. Conhecimento e práticas dos profissionais da saúde sobre as questões da NBCAL em três hospitais em Uberlândia. 2018-2019.

<b>CONHECIMENTO LEI 11265 DECRETO 8.552</b>	<b>Médico (%)</b>	<b>Enfermeiro (%)</b>	<b>Técnico Enfermeiro (%)</b>	<b>Nutricionista (%)</b>
<b>Recebe Representantes comerciais de produtos e alimentos infantis</b>				
Sim	44,4	0,0	0,0	50,0
Não	55,5	100,0	100,0	50,0
<b>Repassa Produtos para pacientes</b>				
Sim	14,8	0,0	0,0	0,0
Não	85,1	100,0	100,0	100,0
<b>Bicos e chupetas atrapalham o AM</b>				
Sim	96,3	90,9	60,9	100,0
Não	3,7	9,0	39,0	0,0
<b>Tempo AME</b>				
< 6 MESES	0,0	0,0	7,3	0,0
≥ 6 MESES	100,0	100,0	92,6	100,0
<b>Tempo AM</b>				
< 12 MESES	0,0	0,0	5,0	0,0
12 - 23 MESES	11,1	9,0	20,0	50,0
≥ 24 MESES	77,7	72,7	45,0	50,0
Outros	11,1	18,1	30,0	0,0
<b>Tem conhecimento da Lei 11265</b>				
Sim	51,8	27,2	9,7	50,0
Não	48,1	72,7	90,2	50,0

## DISCUSSÃO

Vimos que, mesmo com a NBCAL, 14,8% dos médicos entrevistados repassam os produtos recebidos pelos representantes de empresas do ramo de puericultura. Trinta e nove por cento dos técnicos de enfermagem responderam que bicos e chupetas não atrapalham o aleitamento materno exclusivo. Quase todos (96,3%) responderam que ajudam as mães a amamentar no hospital, mas 68% auxiliam apenas mostrando a importância, não extrapolando a parte teórica para a prática.

Revisão bibliográfica sobre o apoio dos profissionais no aleitamento materno indicou que os profissionais de saúde têm considerado a amamentação como um ato puramente instintivo e biológico e nota-se que muitos têm domínio teórico do assunto, mas ausência do domínio prático.<sup>12</sup>

Mesmo com tantas evidências que a fórmula infantil pode acelerar o desmame precoce, 55,5% dos profissionais ainda recomendam a fórmula por acreditarem que por ser dado no copinho, por ser só complemento e dada apenas em casos de necessidade não afetaram o aleitamento materno exclusivo. Muitos ainda dizem que é dado apenas como complemento não interferindo no aleitamento materno. A amamentação é um desafio para o profissional de saúde, independentemente da área de atuação, uma vez que ele se depara com uma demanda para a qual não foi preparado e que exige sensibilidade e habilidade em seu trato.<sup>12</sup>

Em relação ao tempo de aleitamento de um lactente, 7,3% dos técnicos responderam que o aleitamento materno exclusivo deve ser menor que seis meses e 5% deles, respondeu que o aleitamento materno pode ser interrompido antes de um ano. Metade dos nutricionistas entrevistados respondeu que o aleitamento pode ser interrompido entre 12 e 23 meses da criança. Outro dado encontrado é que muitos profissionais responderam que, o desmame deve ser feito de acordo com a vontade da mãe, ou sem tempo determinado. É função do profissional, instruir as mães quanto às recomendações existentes e alertá-las quanto ao benefício do aleitamento, até os dois anos, e não passar a responsabilidade de decisão totalmente para a mãe.

---

<sup>12</sup>Jordana Moreira de Almeida, Sylvana de Araújo Barros Luz, Fábio da Veiga Ued; Support of breastfeeding by health professionals: integrative review of the literature Revista Paulista de Pediatria (English Edition), Volume 33, Issue 3, September 2015, Pages 355-362

Estudo feito no município de Nova Iguaçu mostrou que, em relação às enfermeiras e técnicas de enfermagem a maior dificuldade encontrada é a aceitação das puérperas acerca do aleitamento materno, mostrando a necessidade de sistematização de ações educativas sobre a temática para a equipe multiprofissional.<sup>13</sup>

Quanto ao conhecimento da lei 11.265, 48,1% dos médicos, 72,7% dos enfermeiros, 90,2% dos técnicos de enfermagem e 50% dos nutricionistas não tinham conhecimento sobre a mesma. Todavia a lei é de 2006, portanto já são mais de dez anos que esses profissionais poderiam ter buscado o conhecimento.

Um estudo feito em 15 hospitais, no Rio de Janeiro, concluiu que a capacitação contribui para o aprimoramento de conhecimentos, habilidades e práticas em aleitamento materno, fundamentais à assistência materno-infantil.<sup>14</sup>

A principal limitação do nosso trabalho é a impossibilidade de generalização dos resultados a todos os profissionais de saúde, em função da dificuldade de entrevistarmos todos os profissionais durante sua rotina de trabalho.

Com isso, é possível concluir que é necessária maior capacitação de todos os profissionais envolvidos na lactação no hospital, quanto às leis e recomendações para que as mães se sintam acolhidas e apoiadas para o sucesso do aleitamento.

---

<sup>13</sup>Fassarella, Bruna Porath Azevedo; Maleck, Marise; Ribeiro, Wanderson Alves; Pimenta, Érica dos Santos Silva; Corrêia, Márcia Cristina Batista; Pinheiro, Denis dos Santos; Martins, Leandro Mendes; Peixoto, Mônica Sá Bastos Forrester. *Nursing (São Paulo)* ; 21(247): 2489-2493, dez.2018.

<sup>14</sup> Jesus, Patricia Carvalho de, Oliveira, Maria Inês Couto de e Moraes, José Rodrigo de Capacitação de profissionais de saúde em aleitamento materno e sua associação com conhecimentos, habilidades e práticas. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2017, v. 22, n. 1